

PESQUISAS EM LINGÜÍSTICA APLICADA EM LÍNGUA MATERNA

Roxane Helena Rodrigues Rojo
(LAEL/PUC-SP)

A história da pesquisa lingüística de caráter aplicado em língua materna, no Brasil, é bastante mais breve e recente do que aquela em língua estrangeira. Kleiman (1992) situa a emergência de seu fortalecimento em torno de fins da década de 70, início dos anos 80. Os dados numéricos que a autora aí apresenta, referentes à produtividade de teses e dissertações na área de LA aplicada ao ensino de LM, retirados da *Bibliografia Indexada de Teses* (Baronow, 1990) são bastante eloqüentes: considerando-se 19 Universidades do país na década de 80 (80/88), em 09 anos, num total de 989 trabalhos, há somente 141 trabalhos em LA a LM - cerca de 14% do total. Trabalhando-se com a média de produtividade por instituição, não houvesse concentração de pesquisas em LA/LM em alguns centros¹, teríamos apenas uma tese/dissertação em LA/LM em cada Universidade por ano.

Apesar de mais recente e breve, a história da pesquisa aplicada a LM no Brasil não escapa da dinâmica geral da área, de permanentes empréstimos e utilizações de teorias, descrições, conceitos e métodos, originários de diversas áreas.

Esta adoção de sucessivas teorias em campos muito diversificados do conhecimento tem sua base e dinâmica fundadas na própria discussão do caráter da área de LA. Entendida inicialmente como a aplicação dos estudos lingüísticos ao ensino/aprendizagem de línguas (estrangeiras), o campo da LA - em LE e, mais tardiamente, em LM - via-se numa situação de dependência da "ciência mãe". Segundo Celani (1992: 18), citando Corder (1973), o lingüista aplicado seria visto, por esta época, como

"um mediador entre descrições teóricas [da Lingüística] e atividades práticas diversas (...) a LA pressupõe a Lingüística, é uma atividade

¹ Segundo a autora, centros específicos - tais como a PUC-SP, a PUC-RS e a UFPE - mais votados à pesquisa aplicada a LM são responsáveis por cerca de um quarto desta produção na década de 80.

e não um estudo teórico, que usa os resultados de estudos teóricos para o ensino de línguas.”

Assim, na primeira década das pesquisas brasileiras - a década de 70 -, entendia-se *Linguística Aplicada* como um fazer do lingüista voltado para a implementação de seus resultados a práticas e contextos sociais, predominantemente a Educação.

No caso das pesquisas em LM, apesar de mais recentes, esta crença configurou-se em numa trajetória mais “conservadora”. Segundo Kleiman (1992: 30), em LA no Brasil,

“...os problemas relativos ao ensino de língua materna continuaram, por mais tempo, a serem definidos sob a ótica da Linguística. O abandono de tentativas de aplicação dos dados lingüísticos em sala de aula [características, segundo a autora, do ‘período’ distribucionalista], e de conversão destes dados em exercícios pedagógicos, não trouxe uma redefinição da área, que para muitos continuou sendo uma tentativa de aplicar a ciência teórica, embora se tratasse da aplicação de uma nova Linguística, que levava em conta o contexto de situação.”

Esta afirmação da autora caracteriza bem o momento inicial do desenvolvimento da LA/LM no Brasil: um fazer mediador do lingüista, cuja característica central é o de aplicação de sucessivas teorias (e, conseqüentemente, visões do objeto, descrições e métodos) ao estudo de contextos de uso: no caso de LM, especialmente usos escolares de escrita. Logo, estes estudos se iniciam tendo por campo empírico privilegiado a modalidade escrita da linguagem, especialmente em seus usos em contexto escolar. Em termos kuhnianos, um campo aberto a mais para o fazer lingüístico dito “*ciência normal*”².

Dado o próprio movimento da “*ciência mãe*” neste momento (cf., a respeito, Dascal (1978), por exemplo), caracterizado por uma multiplicação de teorias concorrentes, candidatas à hegemonia destruída do paradigma chomskiano, não é de se estranhar o sucessivo empréstimo à *Linguística* de teorias concorrentes, candidatas à descrição de um campo “novo”³.

² Diga-se de passagem, como o foi também, em seus momentos iniciais, a *Psicolinguística*, seja da *Aquisição* ou do *Processamento*.

³ Não é outra a interpretação sugerida por Kleiman (1992) em seu texto quando atribui a duas razões principais, de ordem histórico-conjuntural, as mudanças verificadas nas investigações em LA no período: “...o novo interesse na realidade do ensino e no aprendiz [que] propiciava a emergência de perguntas de pesquisa diferenciadas [não] limitada[s] à aplicação de teorias ou descrições linguísticas” e “...o estado de fluxo e de

A partir de diferentes teorias (gerativismo, lingüística textual, pragmática, etc.), propostas como concorrentes dentro da própria Lingüística,

“...no início da década de 80, as teses e artigos continuavam ainda focalizando a análise da linguagem, fosse esta a linguagem nas redações dos alunos, ou a linguagem utilizada nos livros didáticos. A diversificação do objeto estava ainda por ocorrer, ao contrário do que ocorria na subárea centrada no ensino e aprendizagem de LE. A concepção de LA era ainda reducionista, e os conhecimentos obtidos estavam limitados a um aspecto do processo, a partir de análise da produção lingüística do aprendiz.” (Kleiman (1992: 30)).

O levantamento que a autora faz neste mesmo artigo das temáticas eleitas pelos trabalhos em LA/LM por esta época, temáticas estas, segundo a autora, “...expressivas da relação unidirecional de dependência teórica e metodológica, configurada entre Lingüística e LA”, é bastante significativa deste mencionado “passeio” por teorias concorrentes da “ciência mãe”:

“...descrições com desempenho lingüístico de crianças agrupadas segundo critérios de nível de escolarização⁴; (...) análise da redação, (...) investigação muito semelhante à análise de erros no ensino de língua estrangeira⁵” (Kleiman (1992: 33)).

Artífice de sua própria derrocada, a aplicação de teorias de fundo inatista a contextos sociais de ensino/aprendizagem de LM provocou também o desencanto dos lingüistas aplicados com as teorias lingüísticas até então tomadas de empréstimo para a visualização de seu objeto, não impunemente, social: as práticas escolares⁶.

desordem em que se encontrava a lingüística descritiva, devido ao questionamento e até desencanto com o paradigma estrutural chomskiano por parte de grupo significativo de seus próprios proponentes.” A primeira delas comentaremos a seguir.

⁴ As famosas e produtivas pesquisas gerativistas do início da década de 80 sobre as medidas de maturidade lingüística (leia-se, sintáticas) em língua escrita, onde se buscava equacionar complexidade lingüística do texto escrito (input ou output) e a maturidade (sintática) do aprendiz.

⁵ E, como nela, baseada em sucessivas e diversas teorias lingüísticas.

⁶ “...Outras maneiras de estudar a linguagem, que levavam em conta o social, adquiriam cada vez maior importância, e contribuíam para derrubar o modelo de linguagem autônomo, livre das perturbações que não afetam os falantes ideais, mas que afetam os aprendizes reais” (Kleiman (1992: 29)).

A análise de produtos (em geral, redações escolares), a partir dos mais variados enfoques, e a tentativa de aplicação dos resultados destas análises a práticas de sala de aula, quanto mais não seja, teve o mérito de, por sua vulnerabilidade à discussão sobre a “*realidade psicolinguística das regras*”, ajudar a impulsionar a discussão do produto para o processo (de construção da língua escrita pelo aprendiz; de compreensão do texto escrito (leitura) e de sua produção). Ainda no dizer de Kleiman,

“...do exame do produto (i.e., a redação) passou-se para a investigação do processo (interlínguas e gramáticas intermediárias em LE, emergência de processos de construção da escrita em LM). A mudança de foco contribuiu efetivamente para a diversificação, mas muito mais tardiamente do que na pesquisa sobre o ensino de LE” (id. *ibid.*, p. 33).

É neste contexto que a importação de teorias desloca-se da “ciência mãe” - a Linguística - para outras áreas das Ciências Humanas. A LA passa a querer-se interdisciplinar. A Psicologia (em geral, Cognitiva) e a Psicolinguística (do Processamento; da Aquisição) passam a fornecer as bases antes buscadas exclusivamente na Linguística. Campos tão diversos como a Sociologia, a Antropologia, a Etnografia, a Sociolinguística, a Estética e a Estilística, a Teoria da Literatura, passam a ser invocados para a compreensão desses processos. Entretanto, o procedimento de empréstimos não é rompido. O que ocorre é, apenas, a dispersão de fontes.

Nos últimos 10 anos, pois, a discussão tendeu a deslocar-se cada vez mais para a especificidade do objeto da área de LA (em LE ou LM) e para o seu caráter inter ou transdisciplinar⁷.

Quanto, especificamente, ao tema que aqui nos reúne, se, por um lado, os diversos fundamentos - psicológicos, psicolinguísticos, sociológicos e linguísticos - adotados pelos pesquisadores no campo nos últimos 10 anos tornam possível falar de sucessivas noções de sujeito (biológico, psicológico, social, histórico) subjacentes às investigações, por outro lado, a noção de historicidade (do objeto, do sujeito) não pode ser colocada senão recentemente, quando da emergência de pesquisas de fundamento discursivo e sócio-histórico.

⁷ No sentido adotado por Serrani (1990) e preferido pelos lingüistas aplicados mais recentemente, tal como configurado em de Paschoal & Celani (1992), segundo o qual “...o objeto de estudo atravessa as fronteiras das disciplinas, as quais não participam, aditivamente, como meras fornecedoras de subsídios” (Serrani, 1990).



As mudanças nas crenças e, conseqüentemente, no fazer dos lingüistas aplicados brasileiros voltados à investigação em LM implicaram transformações não só nos objetos eleitos para pesquisa (como vimos), como também nos métodos e nos recortes teóricos (interdisciplinares) propostos. Das pesquisas iniciais sobre o texto e seu processamento - principalmente em leitura, mas também em produção -, onde se apresentava um sujeito, atemporal e a-histórico - sujeito cognitivo/organismo mental -, capaz (inata ou maturacionalmente) de atualizações, estratégias e procedimentos; passa-se hoje a um foco discursivo (nas diversas acepções que esta palavra encerra), processual e genético, onde, embora o sujeito cognitivo/atemporal não tenha saído completamente de cena, sobretudo nas abordagens mais ecléticas, pode emergir o sujeito psicológico historicizado e, mesmo, o sujeito sócio-histórico.

Quer dizer, em minha opinião, do ponto de vista da LA/LM, a temática proposta para esta conversa já foi mapeada nas discussões metateóricas levadas a efeito em outros campos do conhecimento, principalmente a própria Lingüística, a Psicologia e a Sociologia. I.e., ela é muito simplesmente dependente do "ritual de empréstimos".

Neste processo, novos objetos de pesquisa passam ao campo de abrangência da LA e, logo, novas relações com novas disciplinas e teorias emergem. Acentua-se a demanda de uma transdisciplinariedade.

Se, há dois ou três anos atrás, era possível a Kleiman apontar ausência quase total de pesquisas que investigassem o impacto da escrita na sociedade e os processos de letramento; o desenvolvimento de currículos e programas bidialetais que sejam "culturalmente sensíveis"; a interação em sala de aula; a construção de conhecimento na aula de português como LM (textual, lingüístico ou metalingüístico) e a educação bidialetal ou bicultural, hoje quase todos estes temas e objetos de investigação estão incluídos dentre as principais linhas de pesquisa dos principais centros de pesquisa e estudos pós-graduados em LA/LM do país, nomeadamente, a PUC-SP, a LA/UNICAMP e a LA/UFRJ. Mesmo temas e objetos não listados por Kleiman em 1992, tais como a análise do uso da linguagem em contextos institucionais outros que não o educacional⁸, tais como a produção e a empresa; as várias clínicas (fonoaudiológica, (psico) pedagógica, psicanalítica); contextos de aprendizagem não escolares; instituições políticas e estatais, têm emergido como temáticas importantes - senão privilegiadas - na área (de LE ou LM), a ponto de se constituírem na lógica de organização do mais "júnior" dentre os Programas de LA (o da UFRJ).

Esta diversificação de enfoques, temas, objetos e, decorrentemente, de teorias, descrições e metodologias, própria dos anos 90, contribui fortemente hoje para recolocar

⁸ Veja, a respeito, Moita Lopes (1994), Contextos Institucionais em LA: novos rumos. Conferência apresentada no V InPLA, nov/1994, a sair em *Intercâmbio*, 5. SP: LAEL/PUC-SP.

a discussão da identidade da área (de LA como um todo) e os apelos à transdisciplinaridade. Por um lado - o da identidade da área -, cada vez mais a LA tem de se defrontar com a questão das suas fronteiras em relação a outras áreas e subáreas do conhecimento. Se, há alguns anos, tratava-se de delimitar a sua especificidade frente à Linguística, hoje trata-se (ainda) de discutir a particularidade de sua face frente a ela, mas também face à Educação, à Psicologia, à Etnografia da Comunicação, etc.⁹

A afirmação da interdisciplinaridade, ou melhor, da sua versão mais moderna - a "transdisciplinaridade" tal como definida acima -, tem-se apresentado como uma saída (de compromisso) para essa discussão¹⁰.

No entanto, não posso deixar de concordar com Crystal (1981), *apud* Celani (1992: 20) sobre o fato de que "...ao que tudo indica, no entanto, não se chegou ainda a uma teoria em LA. Para o primeiro [Crystal (1981)], para se chegar a uma teoria será necessário que os profissionais das várias áreas dentro da LA se preocupem em estabelecer semelhanças e diferenças entre elas para poder melhor focalizá-las."

Em minha opinião, será só no processo de constituição desta identidade que a área de LA, pelo menos no que diz respeito à LA/LM, ou seja, na fundação de seu(s) objeto(s) e na busca de uma teoria autônoma, não só da Linguística inaugural, mas, hoje, das outras disciplinas correlatas, algumas delas aqui representadas, que a LA poderá esboçar resposta "própria" à questão proposta a este Fórum. Não que isto minimize o campo ou o diferencie de muitas outras subáreas. Afinal, metaforizando a teoria sócio-histórica da gênese que prefiro abraçar,

"... As influências intertextuais têm uma importância muito especial nas primeiras etapas do desenvolvimento do homem. Estas influências estão revestidas de palavras (ou de outros signos) e estas palavras pertencem a outras pessoas; antes de mais nada, trata-se de palavras da mãe. Depois, estas palavras alheias reelaboram-se dialogicamente em palavras próprias-alheias, com a ajuda de outras palavras alheias (escutadas anteriormente), e, em seguida, em palavras próprias (com

⁹ Ainda segundo Kleiman, "...a dependência da disciplina teórica impede o desenvolvimento e pesquisa de temas que surgem das interações escolares, da experiência do ensino/aprendizagem, favorecendo, ao mesmo tempo, a reduplicação de pesquisas com temáticas que já são foco de desenvolvimento em outras áreas" (id. *ibid.*, p. 33).

¹⁰ É neste sentido que encaramos afirmações como a de Celani (1992: 21) de que "... está claro para os que hoje militam na LA no Brasil que, embora a linguagem esteja no centro da LA, esta não é necessariamente dominada pela Linguística (...) [mas] se relaciona com um número aberto de disciplinas relacionadas com a linguagem, entre as quais estaria a Linguística, em pé de igualdade, conforme a situação, com a Psicologia, a Antropologia, a Sociologia, a Pedagogia ou a tradução."

a perda das aspás, falando metaforicamente) que já possuem um caráter criativo” (Bakhtín (1974: 385)).

BIBLIOGRAFIA

- BAKHTÍN, M. (1974) Hacia una metodología de las Ciencias Humanas. In M. Bakhtín (1979) *Estética de la creación verbal*, pp. 381-396. México: Siglo XXI, 1985.
- BARONOW, U. (1990) *Bibliografia indexada de dissertações e teses em Letras e Lingüística defendidas em Universidades brasileiras. Vol I*. Recife: ANPOLL.
- CELANI, M. A. A. (1992) Afinal, o que é Lingüística Aplicada? In M.S.Z. de Paschoal & M. A. A. Celani (orgs) (1992): 15-23.
- CORDER, S. P. (1973) *Introducing Applied Linguistics*. Penguin.
- CRYSTAL, D. (1981) *Directions in Applied Linguistics*. Academic Press.
- DASCAL, M. (1978) As convulsões metodológicas da Lingüística contemporânea. In M. Dascal (org) (1978) *Fundamentos metodológicos da Lingüística. Vol I: concepções gerais da Teoria Lingüística*, pp. 17-41. SP: Global.
- KLEIMAN, A. B. (1992) O ensino de línguas no Brasil. In M.S.Z. de Paschoal & M. A. A. Celani (orgs) (1992): 25-36.
- MOITA LOPES, L. P. (1994), Contextos institucionais em LA: novos rumos. Conferência apresentada no V *InPLA*, nov/1994, a sair em *Intercâmbio*, 5. SP: LAEL/PUC-SP.
- de PASCHOAL, M. S. Z. & M. A. A. CELANI (orgs) (1992) *Lingüística Aplicada: da aplicação da Lingüística à Lingüística transdisciplinar*. SP: EDUC/PUC-SP.

